

## **Meu bebê não vai pra casa comigo!**

“E agora? Meu bebê não vai pra casa comigo!” Este fato é cada vez mais comum, por uma série de motivos como a gravidez precoce, a tardia e a gemelaridade que tem ocorrido em maior número devido às técnicas de reprodução assistida. Estudos mostram que cerca de 6% das gestações no Brasil terminam antes do tempo.

A dor da mãe que tem que deixar seu filho no hospital por um nascimento prematuro é profunda e intolerável. A prematuridade impossibilita a mulher o exercício pleno de ser mãe no primeiro momento do nascimento, já que o bebê necessita de cuidados médicos para garantir a sua sobrevivência. Em geral, a gestação é correlacionada à ideia de uma nova vida, em que são depositadas expectativas. Assim, a prematuridade traz uma ruptura entre o que a mãe idealizava e o filho real. O bebê na incubadora não é em nada o bebê imaginado e de certa forma a mãe é atingida em sua autoestima: deu a luz a um bebê pequeno, frágil que necessita de outros cuidados que não são o dela. Além disso, a mãe não pode contar com os contatos sociais de felicitações e a festa do nascimento fica sem ser comemorada. Para algumas a crise se instala e pode afetar a identidade pessoal, a feminilidade e a capacidade para a maternidade. Neste momento a mãe necessita elaborar sentimentos de dor, angústia e tristeza e muitas vezes sentimentos anteriores de castigo e de perseguição que são reeditados ou reativados pela prematuridade do bebê. A mulher necessita encontrar uma nova forma de ser mãe e de se relacionar com seu bebê mesmo no contexto hospitalar. Para tanto, é imprescindível contar com um espaço de escuta para que possa ressignificar os sentimentos gerados pela situação. Este espaço deve ser construído entre o casal, seus familiares e a equipe de saúde que cuida do bebê (médico, enfermeiro, técnico de enfermagem, psicólogo)

**Psicóloga Simone Isabel Jung – CRP 07/3973**

Especialista em psicoterapia Psicanalítica (ESIPP)

Doutora em Psiquiatria (UFRGS)